



JORNALISMO E MELODRAMA: A COBERTURA DO CASO ISABELLA PELO JORNAL NACIONAL¹

Resumo

Jornais impressos, revistas, sites de notícias na internet e programas televisivos dos mais diversos gêneros e estilos, dedicaram muito tempo e espaço à cobertura do que passou a se chamar “caso Isabella” – o assassinato da menina Isabella Oliveira Nardoni, de cinco anos, em 29.03.2008. O *Jornal Nacional*, da Rede Globo de Televisão, não foi a exceção. Neste trabalho é analisado o modo como o telejornal construiu a cobertura do caso Isabella, em especial, a aproximação com a estrutura dramática daquilo que Jesús Martín-Barbero, em *Dos Meios às Mediações*, chama de “O grande espetáculo popular”: o melodrama. A análise, construída nos moldes dos Estudos Culturais, demonstra como ao mesmo tempo em que reafirmava a importância de valores clássicos do jornalismo, como imparcialidade e objetividade, o *Jornal Nacional* utilizava sistematicamente elementos do melodrama, principalmente para captar e manter a atenção pública em um cenário de concorrência acirrada com outros telejornais.

Palavras-chave:

Jornalismo, Melodrama, *Jornal Nacional*, Caso Isabella.

1. INTRODUÇÃO

Um homem e duas mulheres envolvidos numa trama de amor, ódio, ciúme e ameaças. No centro do enredo, uma morte brutal e misteriosa. Duas versões conflitantes e poucas certezas. Investigações forenses, batalhas judiciais e acusados que juram inocência, mas acabam atrás das grades. Suspense, reviravoltas e um final imprevisível. Embora pareça ter saído da imaginação fértil de um romancista policial, não se trata do argumento da próxima novela das 20 horas nem da sinopse de um

¹ Este trabalho é de autoria de Amélia Santana, Juliana Souza, Luciana Rebouças, Neumar Rosário e Vítor Barreto, graduandos em Comunicação, e foi apresentado originalmente como avaliação parcial da disciplina Comunicação e Cultura Contemporânea, ministrada pela professora Itania Maria Mota Gomes, na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia – Facom/UFBA, no primeiro semestre de 2008.

capítulo de um famoso seriado americano. Antes, este poderia ser o relato sucinto dos principais elementos envolvidos no assassinato da menina Isabella Oliveira Nardoni, de cinco anos, que, infelizmente, seria “baseado em fatos reais”.

Pouco depois das 23 horas e 30 minutos da noite de 29.03.2008, Isabella Oliveira Nardoni foi encontrada, ainda com vida, no jardim Residencial London, na zona norte de São Paulo. Com parada respiratória, Isabella ainda chegou a ser socorrida pelo Corpo de Bombeiros, mas não resistiu.

A possibilidade de acidente na queda foi rapidamente descartada pela polícia. A tela de proteção da janela tinha sido cortada: a menina teria sido jogada por alguém do sexto andar do edifício. O pronome indefinido “alguém”, logo seria substituído por dois nomes próprios: Alexandre Alves Nardoni e Anna Carolina Trotta Peixoto Jatobá, pai e madrasta da criança. Apesar de jurarem inocência, ambos foram acusados de ter agredido e jogado Isabella pela janela.

Isabella Nardoni vivia com a mãe, Ana Carolina Cunha de Oliveira, mas a cada 15 dias passava o fim de semana com o pai, a madrasta e seus dois meio-irmãos menores. A madrasta de Isabella teria ciúme tanto da criança quanto de Ana Carolina Oliveira. Alexandre Nardoni, por sua vez, seria agressivo e até já teria ameaçado de morte a avó e a mãe de Isabella. A relação conflituosa entre o casal Nardoni e a mãe da menina reforçava a suspeita sobre eles.

Isabella Nardoni poderia ter sido apenas mais uma dentre as cerca de quatro mil crianças mortas por ano no Brasil, vítimas de violência doméstica, de acordo com dados da Agência de Notícias do Direito da Infância. A maioria desses Casos não recebe (quase) nenhuma repercussão. Não foi isso, no entanto, o que ocorreu. A investigação da morte de Isabella recebeu um tratamento diferenciado por parte da polícia e foi acompanhado de perto pela da imprensa brasileira.

Jornais impressos, revistas, sites de notícias na internet e programas televisivos dos mais diversos gêneros e estilos, dedicaram muito tempo e espaço à cobertura do que passou a se chamar “caso Isabella”.

O Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, não foi a exceção. Do dia 31 de março até 14 de maio de 2008, notícias relacionadas à morte de Isabella seriam publicadas em todas as 39 edições do Jornal Nacional levadas ao ar. Um mês e meio de acompanhamento ininterrupto da vida dos acusados pelo crime; da rotina da mãe da menina; do trabalho da polícia, da promotoria, dos advogados de defesa; e das reações populares ao acontecimento.

Em 15 de maio de 2008 - com os acusados pela morte de Isabella indiciados e presos e a certeza de que o julgamento definitivo ainda demoraria muito - pela primeira vez não houve notícias relacionadas ao caso publicadas no telejornal. A trégua na cobertura, no entanto, não era um indício de que o interesse jornalístico pelo assunto tivesse esfriado. Novas matérias foram publicadas nas edições subsequentes e é impossível saber ao certo até quando continuarão a ser levadas ao ar.

Neste trabalho será analisado o modo como o Jornal Nacional construiu a cobertura do caso Isabella. Embora muitos programas jornalísticos tenham se dedicado à cobertura do caso, acredita-se que a opção por analisar o Jornal Nacional se justifica por conta da posição proeminente ocupada pelo programa na cena midiática brasileira. Como assinala Itania Gomes (2005, pg. 1), o Jornal Nacional “representa o conjunto mais bem-acabado de marcas que caracterizam um telejornal no Brasil”. Apesar das muitas transformações por que passou desde a primeira edição em 1969, o JN “permanece o telejornal de maior audiência do país e é o modelo de referência para o telejornalismo nacional”.

2. JORNALISMO E MELODRAMA NA COBERTURA DO JORNAL NACIONAL

A análise do modo como o Jornal Nacional construiu a cobertura do caso Isabella revela que algumas estratégias comunicacionais utilizadas pelo programa foram recorrentes. A que mais salta aos olhos, sem dúvida, é a opção por, valendo-se das próprias características do caso, aproximar-se na cobertura do formato daquilo que Jesús Martín-Barbero (2003, pg. 169) chama de “O grande espetáculo popular”: o melodrama.

Junto com a literatura de cordel, na Espanha; o *colportage*, francês; os almanaques; e as “imagens de Épinal”, também na França; o melodrama é apontado por Martín-Barbero como parte da produção cultural que, a partir do século XVII, passa a ser destinada às classes populares. Apesar de reconhecer que esta produção pode colaborar para manutenção da hegemonia, afinal “Não há hegemonia - nem contra-hegemonia - sem circulação cultural”, o autor vê nesse processo a possibilidade das classes populares não só terem “acesso à cultura hegemônica”, mas também de comunicarem sua memória e experiência (MARTÍN-BARBERO, 2003, pg. 154).

O melodrama é um espetáculo popular em cujas origens estão a proibição de encenações (teatros) populares com diálogos tanto na França quanto na Inglaterra dos finais do século XVII, cujas razões – “não corromper o verdadeiro teatro” - revelam a oposição histórica entre cultura erudita e cultura popular. Está também ligado no seu nascedouro à Revolução Francesa, na qual as paixões políticas despertadas e as experiências terríveis por que passaram teriam despertado a imaginação e a sensibilidade de alguns populares, de modo que agora poderiam “encenar suas emoções” (MARTÍN-BARBERO, 2003, pg. 170).

No melodrama o povo pode olhar para si mesmo. É uma encenação que, sem diálogos, estabelece uma grande cumplicidade com o público. Público que procura nas cenas não palavras, mas “ações e grandes paixões”. O apelo para as emoções, aliás, é uma das principais marcas do melodrama. Nele se lida com os sentimentos de “medo, entusiasmo, dor e riso” (MARTÍN-BARBERO, 2003, pg. 171, 174).

Este apelo para a corda sensível do público, característico do melodrama, aparece de modo explícito na cobertura do caso Isabella pelo Jornal Nacional. “Dor”, “comoção”, “emoção” e “sofrimento” são termos recorrentes nas matérias sobre o crime. Principalmente na primeira semana de cobertura, o tom é de consternação pela morte da menina.

“A comoção provocada pela morte de Isabella tomou o Brasil e se tornou um dos principais assuntos das conversas, tanto nas ruas, quanto na Internet”. Esta é a cabeça lida por Wiliam Bonner, apresentador do jornal junto com Fátima Bernardes, para uma matéria exibida em 03.04.2008. Tão logo a imagem do apresentador desaparece da tela, esta é tomada por uma seqüência de fotos de Isabella, acompanhada por um fundo musical suave. Assim como no melodrama, palavras são desnecessárias: a expressão sorridente da menina nas fotos e a trilha sonora são suficientes para emocionar mesmo o mais duro dos corações. É somente após alguns segundos – do precioso tempo do JN, que prima pela agilidade e dinamismo – que aparece o texto em *off* do repórter. Nas sonoras, “coleguinhas” de Isabella dizem o que lembram dela e seus pais falam sobre o quanto estão “chocados”.

Na escola da menina, os colegas a desenham como “um anjinho e uma estrela”. A morte de Isabella não emocionou apenas quem a conhecia. O jornal destaca as “mais de 100 mil mensagens de solidariedade” registradas na página de relacionamentos na Internet da mãe da menina. A matéria termina como começou, sem palavras, apenas música e imagens de Isabella.

O mesmo “sabor emocional” aparece na edição seguinte, na cobertura da missa de sétimo dia de Isabella. A repórter Janaína Lepri destaca que 800 pessoas estão reunidas para homenagear a menina e o quanto todos ficaram emocionados quando o padre pediu que rezassem, em silêncio, por ela.

As similaridades entre a cobertura do Jornal Nacional e o melodrama não se limitam ao apelo emocional. A associação entre ambos é imediata também em outros âmbitos da estrutura dramática.

Martín-Barbero (2003, pg. 174) assinala que, associadas aos quatro sentimentos básicos supracitados, aparecem na estrutura dramática do melodrama quatro situações/sensações centrais – terríveis, excitantes, ternas e cômicas – nas quais se relacionam quatro modelos de personagens: “o Traidor, o Justiceiro, a Vítima e o Bobo”. Juntos, esses personagens trazem para o melodrama a mistura de “romance de ação, epopéia, tragédia e comédia”.

No modo como a cobertura do Jornal Nacional foi construída, é possível encontrar um ou mais correspondentes no caso Isabella para cada personagem arquetípico da estrutura dramática do melodrama. A relação construída entre eles na narrativa também se aproxima muito da trama básica melodramática.

Não é difícil perceber o modo como o casal Nardoni é apresentado como “o *Traidor*” ao longo da cobertura do JN. O traidor no melodrama “é a personificação do *mal* e do vício, mas também a do mago e do *sedutor* que fascina a vítima, e a do sábio em fraudes, em dissimulações e disfarces”, descreve Martín-Barbero (MARTÍN-BARBERO, 2003, pg. 175).

Nas cartas que escreveram antes de serem presos, em 03.04.2008, o casal Nardoni descreve seu relacionamento com Isabella como baseado no amor e na afeição. Falam sobre o quanto gostavam da menina e o quanto ela confiava neles e gostava de sua companhia. O repórter Alan Severiano lê as duas cartas na íntegra, mas o jornal não hesita em levar ao ar, no dia seguinte, uma matéria que expõe as contradições do depoimento de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá. Utilizando as declarações do promotor do caso, Francisco Cembranelli, as versões do casal sobre o que aconteceu no dia do crime são apontadas como fantasiosas e a personalidade de Alexandre como pai amoroso é colocada em xeque com a divulgação de boletins de ocorrência que registram agressões cometidas por ele. Tenta-se tornar evidente que o casal, na verdade, mantém uma “relação invertida” (MARTÍN-BARBERO, 2003, pg. 175) com a vítima: mostram-se nobres e leais, mas acabam traindo-a. Neste caso a traição extrema teria sido matá-la.

Na matéria levada ao ar no dia 21.04.2008, “especialistas acostumados a trabalhar com pessoas acusadas de cometer crimes” são convidados a analisar o vídeo da entrevista concedida pelos Nardoni ao programa *Fantástico*, no dia anterior. A operação é a mesma: identificar as marcas da falsidade, da “impostura”, na fala e nas ações do casal.

“A *vítima* é a heroína: encarnação da inocência e da virtude, quase sempre mulher”. Assim descreve Martín-Barbero (2003, pg. 176) esse personagem do melodrama. A Isabella que aparece no Jornal Nacional tem o “físico para o papel” de vítima de melodrama. É a “princesa” encantadora que todos se perguntam como não puderam proteger das tramas vis do famigerado traidor. É a menina bem educada, sofredora e paciente: incapaz de revidar até mesmo as mordidas e beliscões do irmão menor, quanto mais de proteger-se de assassinos.

Ana Carolina de Oliveira, a mãe de Isabella, também se encaixa como uma luva no papel de vítima. Sua atitude resignada diante da perda da filha, seu apego firme à fé católica e sua força moral causam admiração e tranquilizam o público. No dia 05.04.2008 o Jornal Nacional exibe toda virtude de Ana Oliveira. Ela fala com a imprensa, mas não demonstra rancor. Ao invés de ser consolada, consola: tira da dor a energia para apoiar outros.

Que dizer do “*Justiceiro*”? No melodrama ele é o herói, aquele que “no último momento, salva a vítima e castiga o Traidor”. No caso Isabella, como não lhe era mais possível salvar a vítima principal, a menina, o Jornal Nacional soube lhe dar a função de “desfazer a trama de mal-entendidos e desvelar a impostura permitindo que a “verdade resplandeça” (MARTÍN-BARBERO, 2003, pg. 176).

À primeira vista, o papel de revelador da impostura dos traidores caberia à polícia, aos peritos e ao promotor do caso. O Jornal Nacional dedica grande parte da cobertura ao acompanhamento do trabalho de investigação, criando a expectativa junto ao público quanto ao momento em que finalmente os impostores seriam

desmascarados com uma prova irrefutável. “Investigações continuam”, “Polícia diz que está perto da verdade”, são algumas das manchetes do JN.

Em um dado momento da cobertura, no entanto, o jornal parece querer assumir para si o papel de justiceiro. Aguardar o trabalho da polícia já não é mais suficiente. Os repórteres do JN são incumbidos da missão de encontrar entrevistas exclusivas, como as dos vizinhos que relatam brigas do casal (15.04.2008), e outras “peças do quebra-cabeça”, que poderia ser completado a qualquer momento no Jornal Nacional, punindo definitivamente os agressores.

Por fim, fora do centro das tramas melodramáticas, aparece o “*Bobo*”. Este personagem, equivalente do palhaço no circo, representa a comicidade essencial às produções culturais populares. De acordo com Martín-Barbero (MARTÍN-BARBERO, 2003, pg. 177), ele “produz distensão e relaxamento emocional depois de um forte momento de tensão”. Funciona como “anti-herói”, ‘rindo-se da correção dos protagonistas, introduzindo a ironia’. Se coube a alguém este papel na cobertura do caso Isabella pelo Jornal Nacional, foi às camadas populares. Ao mesmo tempo em que utilizava a comoção popular para ilustrar o efeito emocional da morte da menina na sociedade, o JN expunha a atitude risível de pessoas que deixavam suas casas para fazer campana, hora à frente da casa dos Nardoni para ameaçá-los, hora ante a casa de Ana Carolina Oliveira para prestar-lhe solidariedade.

Esse elemento se torna visível, por exemplo, no dia 07.05.2008, quando uma multidão se encontra à frente da casa da família Jatobá, aguardando a prisão do casal Nardoni. De forma irônica, enquanto os apresentadores enfatizam a quantidade de pessoas e a repórter destaca que elas estão emocionadas e exigem justiça, muitos na multidão sorriem e acenam para câmera, como se dissessem que desejam mesmo é aparecer.

É digno de nota, no entanto, que ao mesmo tempo em que recorre estrategicamente ao melodrama para construir a cobertura, o Jornal Nacional reitera

constantemente as marcas do telejornalismo “sério”, do qual ele se apresenta como modelo no Brasil.

Conforme assinala Itania Gomes (2005, pg. 7), historicamente, a “notícia ‘imparcial’ e *in loco*” é uma marca do JN. O programa constrói sua credibilidade mostrando sempre “os dois lados da notícia”. No caso Isabella a estratégia retórica não muda. O jornal ouve a polícia e a promotoria, mas também dá voz aos advogados de defesa do casal Nardoni. Na edição de 01.04.2008, o jornal destaca a “divergência” entre a polícia e os advogados quanto aos gritos de “pára, pai” ouvidos por testemunhas.

O poderio técnico da Rede Globo é também colocado a serviço do Jornal Nacional. Desde a primeira matéria, em 31.03.2008, é recorrente o uso de infografias e simulações computadorizadas para, didaticamente, mostrar ao público o que poderia ter ocorrido. Valendo-se dos recursos técnicos disponíveis para manter a tradição de dar a notícia no local e valorizar o trabalho dos repórteres, o JN explora as notícias ao vivo e, não por acaso, “mobilizou 18 repórteres, oito produtores e 20 cinegrafistas para cobrir o caso”, de acordo com informações do site folha Online. No dia 11.04.2008, à guisa de exemplo, além de duas matérias em que os repórteres falam do local onde os fatos acontecem, o jornal faz dois *links* ao vivo, em cerca de um minuto, com os repórteres localizados na delegacia e na casa onde o casal Nardoni se encontrava (GOMES, 2005).

O recurso a especialista para emissão de opinião é outra marca histórica, com a qual o JN constrói sua isenção. No dia 04.04.2008, o jornal utiliza especialistas para explicar a prisão temporária. Faz algo parecido no dia 21, solicitando que especialistas interpretem a entrevista do casal ao fantástico (GOMES, 2005).

O JN se preocupa em acompanhar todos os fatos ocorridos no dia e situar os espectadores a respeito do que foi mais relevante. O telejornal que, em geral, adota a postura de “organizar o país e o mundo” para seus espectadores – apontando o que de

mais importante ocorreu – assume a função de orientar o público sobre o passo-a-passo do caso Isabella (GOMES, 2005).

Outra das características que fazem do JN o padrão de telejornalismo é a valorização do exclusivo e do furo. Esta marca recebeu destaque ao longo da cobertura. “O JN teve acesso, com exclusividade”, a laudos, depoimentos e entrevistas.

3. CONCLUSÃO

Apesar de tentar reafirmar constantemente as marcas do jornalismo sério, o uso estratégico do melodrama foi a tônica da cobertura do caso Isabella realizada pelo Jornal Nacional. A opção por adotar o formato do “grande espetáculo popular”, sem dúvida, tem muito a ver com a disputa pela audiência com os telejornais de rede das emissoras concorrentes, veiculados em horários muito próximos ao do JN. Apesar de ainda manter sua posição de líder em audiência entre os telejornais do horário nobre, o Jornal Nacional já encontra atrás de si a sombra do Jornal da Record, da emissora comandada por Edir Macedo, que tem como meta acabar com o monopólio da Rede Globo.

Aliado a esse fator, concorre para opção pelo melodrama o fato de quase todos os programas jornalísticos estarem, ao mesmo tempo, noticiando o mesmo assunto. Como se diferenciar da concorrência e garantir sua parte da atenção pública? A cumplicidade do melodrama com as classes populares parece uma saída oportuna. Ainda mais se levadas em conta o *know-how* da Rede Globo em produzir conteúdos de entretenimento, principalmente telenovelas. O jornal da Record poderia até competir com o JN na cobertura do caso Isabella se ambos optassem por tratar o assunto de modo frio e duro. Com a opção pelo melodrama, no entanto, o Jornal Nacional se torna imbatível, por uma razão básica: nenhum telejornal concorrente teria à sua disposição o poderio técnico e a habilidade da Rede Globo para produzir narrativas melodramáticas que explorassem todo o potencial do caso.

O próprio Jornal Nacional está fortemente ligado ao entretenimento e ao melodrama. O jornal é o contraponto jornalísticos num horário dedicado ao entretenimento, Ele vai ao ar antes da principal novela da noite, a das 20 horas, e é precedido por uma série de outras novelas, a partir das 17h30m, com um breve intervalo de cerca de 15 minutos para notícias locais. Essa proximidade na grade televisiva com telenovelas redonda na aproximação no uso da linguagem televisa e, às vezes no nível do conteúdo, do jornal com a teledramaturgia.

É importante ressaltar que o Jornal Nacional já havia também experimentado a aproximação com a estrutura dramática do melodrama em outras coberturas com forte apelo popular, como a da morte de Tancredo Neves, em 1985; a do assassinato de Daniela Peres, em 1992; e a da morte de PC Farias, em 1996.

Não foram poucas as críticas que o Jornal Nacional sofreu pela cobertura do caso Isabella. A imprensa como um todo, na verdade, foi acusada de dar relevo ao caso tão somente por se tratar do assassinato de uma menina branca de classe média. Em matéria publicada no Estadão de 13.04.2008, pais se queixam do empenho da polícia no caso Isabella, enquanto a investigação dos crimes que envolveram seus filhos se arrasta há meses. A mesma crítica poderia ser estendida ao trabalho da imprensa. Porque se dedicou tanto tempo e atenção a um caso específico, sem ao menos relacioná-lo com os milhares de outros que acontecem quase diariamente? Não se pode, obviamente, responder esta questão apenas com a chave da disputa de classes.

Há de se levar em conta a brutalidade do crime e a quebra das “fidelidades primordiais”, que Martín-Barbero (2003, pg. 177) aponta como fundo moral do melodrama, por serem familiares os acusados pelo crime. Todavia, alguns desses fatores aparecem também, em maior ou menor grau, em outros casos, o que pode colocar a questão econômica como fator importante a se considerar.

A crítica mais importante que se tem feito à cobertura do caso Isabella, no entanto, diz respeito à falta de interesse público. A discussão sobre a visão limitada

que a noção de interesse público tem entre os teóricos e profissionais do jornalismo, associada exclusivamente às idéias de política e economia e voltada para a promoção da democracia, encontra na tradição dos estudos culturais um contraponto importante.

Itania Gomes (2007) e Peter Dahlgren (2000), por exemplo, apontam a necessidade de se encarar o jornalismo de forma mais ampla. Dahlgren aponta a possibilidade de associação do jornalismo com a cultura popular, ligada à circulação de produtos culturais fora do bloco de poder, e Gomes ressalta que o jornalismo e, em especial, o telejornalismo deve ser visto como instituição social, influenciado pelo contexto histórico e social em que é praticado.

Sendo assim, não haveria motivos para classificar como não-jornalístico determinados produtos, tão somente por abordarem assuntos “populares” e do cotidiano, numa perspectiva que incluísse elementos de entretenimento, por exemplo. De fato, se assim fosse, nem o Jornal Nacional nem nenhum outro telejornal poderia ser considerado jornalístico, pois, a rigor, o entretenimento é, no mínimo, uma característica emergente no telejornalismo contemporâneo.

Não se pode, no entanto, flexibilizar tanto o conceito de interesse público, a ponto de tornar qualquer coisa aceitável no jornalismo, tão somente pela defesa da cultura popular. Por mais que houvesse interesse *do público* pelo caso Isabella e que a construção melodramática do caso pelo Jornal Nacional tenha mantido este interesse em altos níveis por um longo tempo, não se pode afirmar que a morte da menina, de fato, fosse de interesse público.

A cobertura do caso Isabella pelo Jornal Nacional coloca em questão que “valores notícia” e “critérios de relevância” permitem que a repercussão de um crime ocupe cerca de 40% do tempo total de uma edição de um telejornal, suplantando assuntos como a alta de juros, o aumento da inflação, a crise mundial de alimentos, o aquecimento global, a corrupção em bancos de fomento como o BNDES e uma crise de saúde pública, como a epidemia de dengue no estado do Rio de Janeiro e em outros da Federação.

Nem a disputa por audiência, nem o interesse do público por um caso podem permitir que o jornalismo se desvincule por completo de sua justificação social. Embora não haja nada na sua “natureza” que obrigue o jornalismo a se limitar a política e economia, é fundamental que ele *também* cumpra seu papel de vigilante das “zonas de segredo da esfera de decisão política”, nas palavras de Wilson Gomes (2004).

Quando um telejornal ultrapassa a fronteira entre um telejornalismo com elementos populares e passa a fazer teledramaturgia travestida de jornalismo – principalmente em casos delicados, que envolvem sentimentos e vidas alheias, como o Isabella – corre-se o risco de ultrapassar também o tênue (mas valioso) limite entre ficção e realidade na televisão.

4. REFERÊNCIAS:

DAHLGREN, Peter; SPARKS, Colin. **Journalism and popular culture**. Londres: Sage, 2000.

GOMES, Itania. **Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós, abril/2007.

GOMES, Itania. **Modo de Endereçamento no Telejornalismo do Horário Nobre Brasileiro**: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. 2005.

Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1315-1.pdf>

GOMES, Wilson. **As transformações da política na era da comunicação de massa**, São Paulo: Paulus, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às medições: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

Outras referências:

Caso Isabella faz audiência de telejornais crescer até 46%.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u393376.shtml>

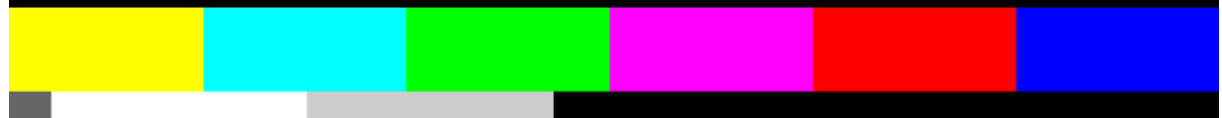
Entenda o caso da morte da menina Isabella Oliveira Nardoni.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u388505.shtml>

Outros casos de crianças mortas seguem sem solução.

Colóquio Internacional
Televisão e Realidade

21 a 24 de outubro de 2008 - www.tvrealidade.ufba.br



Disponível em:

http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20080413/not_imp155884,0.php

NALDONI, Thaís. **3.999 Isabellas anônimas**, Revista Imprensa, Maio/2008.

Disponível em:

http://portalimprensa.uol.com.br/revista/edicao_mes.asp?idEdicao=10&idMateriaRevista=107